

SINPRO-RIO - 70 ANOS

Pela Educação



Pela Reforma Agrária



Fora Collor!



O Sindicato e as lutas pela Educação

*Moacyr de Góes**

Para a educação e para os educadores brasileiros o ano de 1931 é seminal: Anísio Teixeira é nomeado Diretor Geral da Instrução Pública do Distrito Federal e é fundado o nosso Sindicato de Professores. No ano seguinte, os Pioneiros da Educação Nova, inédita aliança de socialistas e liberais, marcam a posição das mudanças no Brasil.

Como sempre acontece em nosso país, aos avanços corresponde uma resposta de “cala boca”: este veio com o Estado Novo. Aí foi possível reproduzir, explícita e ideologicamente, na escola, a divisão de classes da sociedade: educação profissional para os pobres e educação intelectual para os ricos - é a Reforma Capanema.

Depois, passaram a II Guerra e a redemocratização (1946) e aí foi possível retomar a luta pela escola pública. Com a LDB (61) foi aberto o caminho, apesar dos obstáculos do substitutivo Lacerda. No clima democrático, a escola cresce e chega-se até à Educação Popular e seus movimentos fundacionais: MCP (Recife), De Pé no Chão Também se Aprende a Ler (Natal), MEB (Igreja Católica) e CPC (UNE) e, naturalmente, seu ideólogo maior: Paulo Freire.

Mais uma vez, outro “cala boca”: é o Golpe de 1964. Então, o retrocesso é grande: o desmantelamento da educação como projeto po-

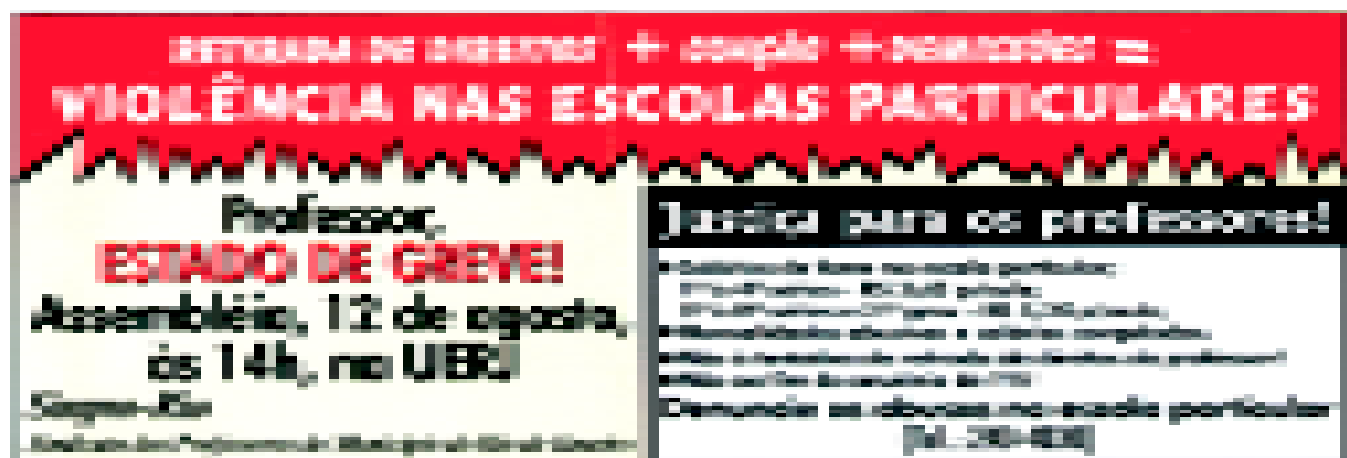
lítico, prisões, torturas e exílios. Com a Guerra Fria, os acordos MEC-USAID transferem para os EUA o pensar e o fazer da educação brasileira. Com o AI-5, chega o Decreto 477, que pretende ser a mordaca e o punhal definitivos. Mas, desde Galileu, a terra se move: a conscientização desloca a educação popular para as Comunidades Eclesiais de Base, um dos fóruns de resistência democrática.

Mobilização política e participação popular derrotam a Ditadura. A Constituição de 88 reconhece que a educação é direito de todos e dever do Estado. Uma vitória de nosso Sindicato que esteve presente em todas essas lutas.

Além da participação em nosso Sindicato, como professores, alimentamos outros fóruns de luta pela educação democrática: a CPB (Confederação dos Professores do Brasil), a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência), a ABI (Associação Brasileira de Imprensa), a CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), a ANPED e todas as Conferências Brasileiras de Educação, o CEP/RJ, a ANDES, o MST e outros.

No mais, é perceber que o futuro está aí e nós estamos aqui para dizer: a luta continua.

Moacyr de Góes é professor e escritor



Outdoor utilizado na Campanha Salarial do Sinpro-Rio em 2000

Anísio Teixeira

(*in memoriam* – representado pela filha Babi Teixeira)



Entre tantas homenagens possíveis, escolhemos este homem por sua dedicação incondicional à democracia e educação para a democracia. Como intelectual e administrador público, sua obra influenciou profundamente a educação brasileira neste século. Suas propostas continuam, ainda hoje, apontando caminhos. Prestamos nossa homenagem ao **educador Anísio Teixeira**, através de sua filha **Babi Teixeira**, diretora do Instituto Anísio Teixeira.

Agradeço, em nome da minha família, esta homenagem. Como filha, fico emocionada; como cidadã, orgulhosa de ver o nome de Anísio Teixeira incluído neste grupo de brasileiros, que estão sendo homenageados. Este é um grupo de homens e mulheres que realmente souberam lutar pela construção da democracia em nosso país.

Espero que não percamos a esperança e continuemos guardando esta mensagem deles de confiança no Brasil e no povo brasileiro.

Muito obrigada!

Babi Teixeira



Paulo Freire

(*in memoriam* – representado por Salete Valesan)

Ele revolucionou a Educação. Um homem que marcou época. Ensinou adultos a escrever, através de um método revolucionário que abriu novos caminhos para a educação.

Ao lado de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, participou da criação da Universidade de Brasília, onde lecionou, ensinando, a convite do ministro Paulo de Tarso, seu método de alfabetização.

Perseguido pela ditadura militar, passou 15 anos no exílio, retornando ao Brasil em 1979. Viveu na Europa, Estados Unidos, na África e em países da América Latina, disseminando suas idéias.

Seu trabalho influenciou educadores no mundo inteiro. Poucas pessoas contribuíram tanto para a Educação como ele. Sua sabedoria, seu brilhantismo e seu profundo conhecimento da relação entre a política e a Educação eram únicos.

O Sindicato homenageia o educador **Paulo Freire**, através de **Salete Valesan**.



“Gostaria de ser lembrado como um homem que amou a terra, a natureza, as crianças, as mulheres e os homens. Gostaria de ser lembrado como alguém que amou os animais, os pássaros, a água e o mar. Gostaria de ser lembrado como alguém que ama a vida.”

Paulo não é apenas um método. Paulo é uma luta, um sonho. Paulo é a certeza dos que sonham. E porque nós sonhamos, acreditamos que um outro mundo é possível.

Eu jamais me perdoaria se não usasse este espaço para dizer que a Educação brasileira só terá a qualidade, que nós, brasileiros, merecemos quando a Educação pública e a particular estiverem caminhando pelo mesmo trilho.

A qualidade da Educação pública se encontra na força que pode exercer a escola particular. Esta escola será cada vez melhor se a escola pública for cada vez melhor.

O povo brasileiro só será cidadão quando as duas estiverem no mesmo caminho e pela mesma causa.

Muito obrigada!”

Salete Valesan

Terra nossa, liberdade

D. Pedro Casaldáliga*

Esta é a Terra nossa:
a Liberdade,
humanos !

Esta é a Terra nossa:
a de todos,
irmãos!

A Terra dos Homens
que caminham por ela,
pé descalço e pobre.
Que nela nascem, dela,
para crescer com ela,
como troncos de Espírito e
de Carne.

Que se enterram nela
como sementeira
de Cinzas e de Espírito,
para fazê-la fecunda como
uma esposa mãe.
Que se entregam a ela,
cada dia,
e a entregam a Deus
e ao Universo,
em pensamento e suor,
em sua alegria,
e em sua dor,
como o olhar
e com a enxada
e com o verso

Prostitutos cridos
da mãe comum,
seus mal-nascidos!
Malditas sejam
as cercas vossas,
as que vos cercam
por dentro,
gordos,
sós,
como porcos cevados:
fechando,
com seu arame e seus títulos,
fora de vosso amor,
aos irmãos !
(Fora de seus direitos,
seus filhos
e seus prantos
e seus mortos,
seus braços e seu arroz!)

Fechando-os
fora dos irmãos
e de Deus !

Malditas sejam
todas as cercas!
Malditas todas as
propriedades privadas
que nos privam
de viver e de amar!
Malditas sejam todas as leis,
Amanhadas por umas poucas mãos
Para ampararem cercas e bois

e fazer a Terra, escrava
e escravos os humanos!

Outra é a Terra nossa,
Homens, todos!
A humana Terra livre irmãos !

** D. Pedro Casaldáliga é bispo da Prelazia de São Félix do Araguaia (Mato Grosso), poeta, escritor e doutor Honoris Causa da Unicamp*



Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)

(representado por João Pedro Stédile)



Nos últimos anos, o sonho de Reforma Agrária vem pisando firme no campo. Trabalhadores rurais se organizaram no maior movimento pela Reforma Agrária do país.

Este movimento nasceu da articulação de diversos outros, especialmente no sul do país. Em 1983, eles se reuniram em Chapecó, e criaram uma Coordenação Provisória.

O movimento ocupou as páginas dos jornais, mobilizando a sociedade para a luta pela igualdade de direitos e pela Reforma Agrária no Brasil.

O Sindicato dos Professores, que sempre apoiou esta luta, homenageia o **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST)**, através de **João Pedro Stédile**.



Queridos companheiros e companheiras.

Certamente outros mereceriam estar aqui no meu lugar, sobretudo as viúvas e viúvos dos 1.625 companheiros que perdemos na luta pela Reforma Agrária, depois da redemocratização, de 1984 para cá. Bem como os sobreviventes de Carajás, que há cinco anos clamam por punição para os assassinos daquele massacre, que ceifou a vida de 19 companheiros.

Mas, num dia de festa, não venho aqui com lamúrias.

Agradeço enormemente, em nome do nosso Movimento, esta homenagem. Prometo reparti-la em todos os acampamentos e assentamentos. Para nós, sem nenhuma demagogia, é um momento muito importante sermos homenageados pelos professores, por aqueles que ensinam a História do Brasil e, sobretudo, pelo Sindicato dos Professores.

Obrigado!

João Pedro Stédile

Um momento mágico

*Chico Alencar**

O Brasil bonito das Diretas Já, uma das maiores manifestações de massa da nossa história, em 1984, só chegou cinco anos depois, com as eleições presidenciais. Mas a velha estratégia das elites funcionou outra vez: o eleito coloria de pseudo-renovação seu discurso e, com exuberante jovialidade, prometia “caçar marajás” e “matar com um tiro certo o tigre da inflação”. Fernando Collor, o Breve, governou o Brasil por exatos dois anos, seis meses e dezessete dias. Narcotizado pelo poder e viciado em marketing, não enganou a muitos por muito tempo. Exasperado, pediu o verde-amarelo e as ruas se encheram de preto (que pode ser também cor da esperança, se a vontade coletiva quiser).

Reconheçamos: a sociedade brasileira viveu um teste inédito de solidez institucional. Conseguiu, combinando o clamor das ruas com a ação parlamentar - na mágica integração da sociedade civil com a sociedade política - apesar do poder, por corrupção, um mandatário constitucionalmente eleito. Houve quem duvidasse. Antônio Carlos Magalhães, diplomado na escola do coronelismo, dedo em riste, acusou os “agitadores”: - Quem disse que o impeachment é possível está mentindo para o povo. Ele tem 103 anos e nunca foi feito. É uma farsa que nem foi regulamentada.

Os oligarcas não percebem o dinamismo da História, pois se acostumaram a pagar escribas para escrevê-la na sua ótica. Os donos do poder não compreendem o protagonismo dos de baixo, pois julgam sempre moldá-los à sua imagem e semelhança. Mas às vezes são pegos na boca da botija, com o pé de cabra na mão para o assalto aos cofres públicos. Ou brincando de patrão de todos com uma lista secreta nas mãos...

Em 29 de setembro de 1992, a Câmara dos Deputados viveu um desses raros momentos de sintonia com o desejo popular. A maré montante da juventude cara-pintada descoloria a empáfia do vigoroso piloto de jet-ski. Por 441 votos contra 38, aprovou o pedido de afastamento do Presidente que traíra os 35 milhões de votos recebidos. Exatos dois meses depois, na antevéspera do ano novo e no dia do seu julgamento pelo Senado, Collor renunciou definitivamente ao cargo, tentando evitar a suspensão dos seus direitos políticos. Nem isto conseguiu.



A lição de democracia, entretanto, não ficou completa. O poeta Mário Quintana já alertara: “o passado não conhece o seu lugar: ele teima em aparecer no presente”. A corrupção do esquema Collor-PC Farias era a face despudorada de uma podridão estrutural, que ameaça nossa civilização: o uso do Poder Público como espaço privilegiado para os negócios privados.

O “Fora Collor”, do início da última década do século passado, é episódio histórico de um resgate que segue necessário: a construção de uma ordem verdadeiramente democrática, onde os interesses populares tenham voz e vez. República onde ética e franqueza não sejam qualidades especiais, mas atributos rotineiros dos que exercem representação e apostam num Brasil cidadão.

** Chico Alencar é professor e escritor e exerce mandato parlamentar (PT/RJ)*

União Nacional dos Estudantes (UNE)

Eles invadiram as ruas e derrubaram o presidente. Aqueceram o movimento pelo impeachment, pintaram o rosto e marcharam pela democracia.

Os estudantes sempre lutaram por justiça social. Lutaram contra o nazifascismo, se mobilizaram na campanha “O Petróleo é Nosso”, pela democracia e pela liberdade de expressão, dentre tantas outras bandeiras.

Foram perseguidos, mortos, humilhados pela ditadura, empurrados à clandestinidade.

E todos nós, que um dia fomos estudantes, aprendemos, nesse tempo, muitas das lições que hoje nos servem na luta pela democracia.

O Sindicato dos Professores faz sua homenagem à **União Nacional dos Estudantes (UNE)**.

Impossibilitado de comparecer, o presidente da UNE recebeu a homenagem posteriormente.



Sinpro-Rio/Cultural



SINPRO-RIO - 70 ANOS

Contra o neoliberalismo



Pela organização
dos trabalhadores



A farsa do neoliberalismo

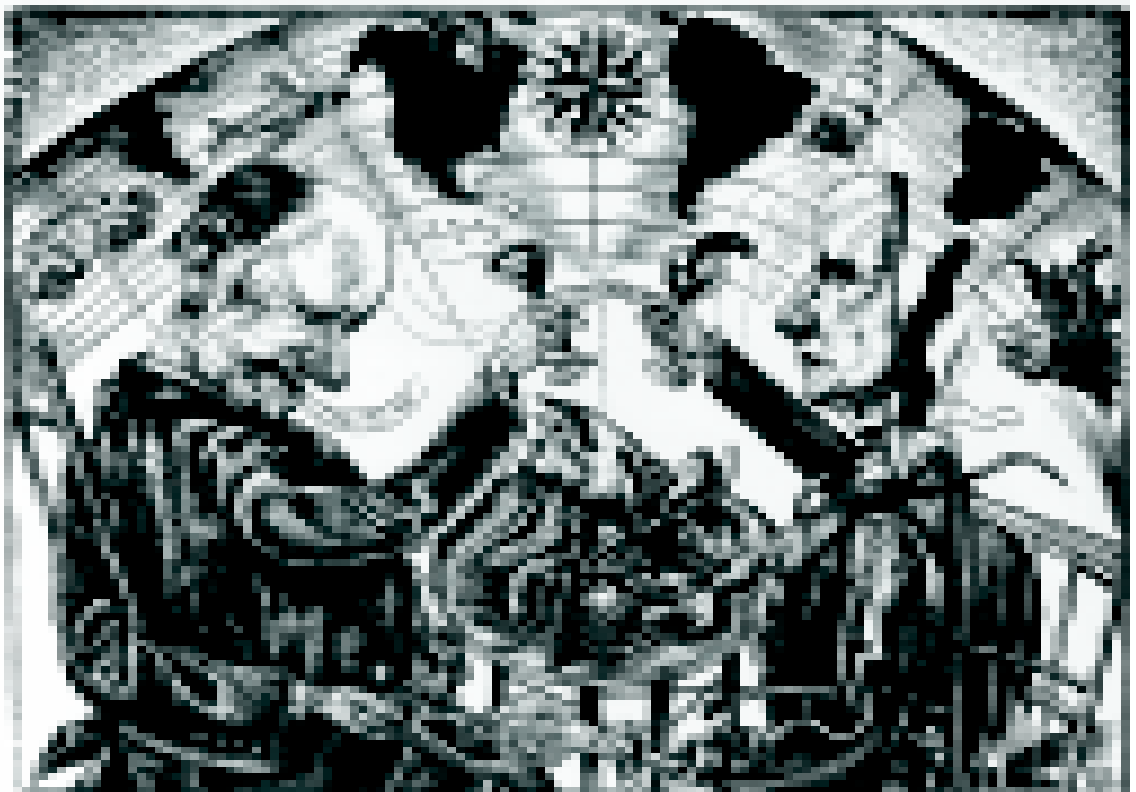
*Nélson Werneck Sodré**

O neoliberalismo não passa de uma farsa, o disfarce com que se apresenta uma forma de política que pretende, justamente, o “fim da História”, isto é, os ricos ficarão mais ricos, os pobres ficarão mais pobres, e tudo será como no país das maravilhas. A realidade não importa, as características nacionais não importam, os interesses do povo não importam. Idéias arroladas como obsoletas, não por serem antigas mas por se oporem a essa visão simplista e unilateral da realidade - a idéia de nação, a idéia de soberania, a idéia de pátria - são esquecidas ou negadas, como se não existissem. Mas o fato é que elas existem, traduzem relações sociais e estão longe de funcionarem como técnicas, quando o receituário dita as regras. Regras e receituário que obedecem a interesses muito poderosos.

Porque as idéias não surgem do nada. Elas não podem ser extraídas do ar, como o azoto. Elas traduzem relações sociais. No conjunto, constituem as ideologias. Conhecemos, no Brasil, as diversas e variáveis ideologias. A do colonialismo, nos tempos mais recuados, que pretendeu nos convencer de que não poderia

mos jamais atingir os níveis de desenvolvimento material alcançados pelos países que hoje se intitulam do Primeiro Mundo; depois, a ideologia da dependência, que serviu ao modelo de economia dependente, exposta, nesses tempos, com espalhafatosa desenvoltura por seus portavozes mais perniciosos. A chamada globalização, dogma em que se apóia o neoliberalismo desenfreado que ocupa o palco, entre nós, agora, é uma ideologia de submissão, de desconhecimento do que existe em nós de nacional, de brasileiro, de popular. É claro que se trata de mais uma aventura, de mais um estratagema da dominação secular. E, também, uma ideologia peculiar a um mundo que conhece e sofre a transição de uma época histórica para outra. O neoliberalismo é um elemento de época histórica em agonia, o pressentimento de final próximo, de extinção. Nós, no Brasil, não pretendemos, e o povo logo dirá como, participar desse funeral.

O general Nélson Werneck Sodré foi historiador, escritor, memorialista, crítico literário, analista político



Aldeia Global
(Rubem Grilo)

Carlos Lessa

Combater as idéias do neoliberalismo requer habilidade e conhecimento. Ainda bem que temos um respeitado economista, capaz de desmontar as propagadas teses de um governo que vem vendendo o país e impondo uma economia que não serve aos interesses nacionais.

Um otimista, que alia sua crítica à esperança de que podemos construir uma sociedade mais justa.

Este homem nunca se nega a propagar suas idéias, participando de todos os debates para os quais é convidado. Autor de dezenas de livros, lançou recentemente o “Rio de todos os Brasis”.

Nossa homenagem, pelo que diz, faz e escreve, ao professor **Carlos Lessa**.



Recebo este sinal realmente com humildade de ser um profissional de uma ciência triste e que, no Brasil, tem prestado grandes desserviços ao país.

Na verdade, homens como Roberto Campos, Mário Henrique Simonsem e Delfim Netto têm tanto ou mais culpa do que os generais, durante os anos da ditadura.

Mas, quero receber este sinal em nome de economistas, alguns dos quais já não estão entre nós, como Rômulo de Almeida, Ignácio Rangel, Maria da Conceição Tavares e Celso Furtado.

O “apagão” dará uma aula inequívoca ao povo brasileiro de que dependemos de nossas próprias forças e de que temos de construir uma rede de solidariedade, do tamanho do nosso território.

Como sou utópico, estou inteiramente convencido do papel pedagógico do apagão.

Obrigado!

Carlos Lessa

Milton Santos

(representado por Augusto Petta, presidente da CONTEE)



Autor de mais de 40 obras publicadas no Brasil, França, Inglaterra, Portugal e Espanha. Ganhador do prêmio internacional de Geografia Vautrin Lud, em 1994, é consultor da Organização dos Estados Americanos e da Organização Internacional do Trabalho.

Foi preso e perseguido pelo Regime Militar. Lecionou em diversas universidades de todo o mundo e, hoje, é professor emérito da Universidade de São Paulo. Suas idéias são fonte segura para aqueles que lutam contra o neoliberalismo.

Ele escreveu: “Tirania do dinheiro e tirania da informação são os pilares da produção da história atual do capitalismo globalizado. Sem o controle dos espíritos, seria impossível a regulação pelas finanças.”

O Sindicato dos Professores presta sua homenagem ao professor **Milton Santos**.

Trago a saudação da Confederação ao Sindicato dos Professores do Rio que, durante 70 anos, tem lutado pelos direitos da nossa categoria, pela educação pública e gratuita e pela construção de uma sociedade justa e soberana.

Representar aqui o professor Milton Santos é uma tarefa muito difícil.

Muito obrigado!
Augusto Petta



Central Única dos Trabalhadores (CUT)

(representada pelo professor João Felício,
presidente nacional)

A organização dos trabalhadores no Brasil foi responsável por inúmeras conquistas. Da resistência ao Golpe à derrubada do Regime Militar, os sindicatos e organizações de classe foram responsáveis por muitas vitórias, foram ponta de lança de grandes movimentos, que mudaram o país.

Reunidos, em 1983, 5.054 delegados, representando 911 entidades, os trabalhadores fundaram sua Central.

Hoje, o nosso Sindicato, uma das 1.300 entidades filiadas, presta sua homenagem a todos as organizações de classe, que combatem a injustiça social e lutam pela democracia.

Convidamos o professor **João Felício, presidente da Central Única dos Trabalhadores (CUT)** para receber esta homenagem.



Nesse momento difícil da classe trabalhadora tenho certeza que esta homenagem que está sendo feita pelo Sinpro é às dezenas de milhares de companheiros sindicalistas, que constróem esta organização sindical da classe operária brasileira, no campo da esquerda, com 3.100 sindicatos filiados, chamada CUT.

No outro dia um jornalista me perguntou o que poderia acontecer com a classe trabalhadora com a crise da energia. Respondi que o desemprego será altíssimo em todos os setores.

Estas dezenas de milhares de sindicalistas sofrem, no dia-a-dia, mas constróem com muita luta, altivez e garra esta experiência sindical. Portanto, esta homenagem é a todos estes companheiros, especialmente num momento como este.

Uma das coisas que mais me emocionou foi ver companheiros, aqui presentes, que não mudaram de lado. Estão ao lado da classe trabalhadora, estão do nosso lado.

João Felício

Homenagem aos Professores

(Robespierre Martins Teixeira)

O Sindicato dos Professores luta, desde 1931, data de sua fundação, por um Brasil sem discriminação social, com saúde e, principalmente, com educação para todos.

Foram dezenas de pessoas que dedicaram parte de suas vidas à organização dos professores, na luta por salários mais justos, pelo respeito e pela dignidade desses educadores.

Prestando nossa homenagem a todos os professores que se organizaram na luta por um ensino de qualidade e por um país democrático, através de um professor do Colégio Pedro II e que ficou conhecido entre seus colegas pela excelente qualidade de suas aulas.

Este professor, filiado ao Partido Comunista Brasileiro, destacou-se pela defesa do ensino público e por seu trabalho na organização dos trabalhadores. Participou do *Sinpro-Rio* na fase anterior a 1964 e na sua revitalização, em 1978, terminando por ser eleito presidente para a gestão 1984/87.

Homenageamos o professor **Robespierre, Pierre** como é conhecido, em nome de todos aqueles que contribuíram para a construção da história de nosso Sindicato.



Nestes anos todos, tive oportunidade de conviver com os grandes ícones e com as grandes lideranças do Sindicato dos Professores.

Já tenho 49 anos de sindicalizado e quero homenagear aqui um grupo de professores com os quais convivi, alguns presentes e outros não mais presentes nesta terra: meu querido Henrique Miranda, José Cândido, Carlos Teixeira, Carlos Mateus, Bayard Boîteaux, Hélio Marques e muitos outros.

Muito obrigado!

Robespierre Martins Teixeira